
O Novo Movimento Revolucionário Mundial

Nicos Zagorakis

Um novo movimento revolucionário mundial está prestes a emergir. Muitos considerariam tal afirmação uma profecia otimista de um militante ansioso pela transformação radical das relações sociais existentes. Esta consideração não é totalmente falsa. Ela é verdadeira pelo menos no sentido de que os conservadores nunca percebem a emergência do processo subterrâneo da revolução social. Os militantes ansiosos pela ruptura radical já tendem a ver em qualquer mobilização um processo semelhante às grandes empreitadas do movimento revolucionário do proletariado de outrora.

Descartar a percepção conservadora da contemporaneidade é o primeiro passo, pois para os conservadores não há história, embora tenha existido algum dia, como colocava o filósofo da revolução burguesa tardia, Hegel. O máximo que a consciência burguesa pode perceber nas lutas subterrâneas que preparam os períodos revolucionários é a superfície da ação, é o que está visível pela aparência, tal como a rainha que viu os esfomeados pedirem pão e não entendeu e por isso sugeriu que se alimentassem de brioches.

Descartar a percepção burocrática da contemporaneidade é o segundo passo, pois para os burocratas aquartelados em partidos, sindicatos, empresas, universidades, Estado, a história existe apenas quando é controlada e dirigida por eles. É assim que Lênin e Trotsky, ideólogos da revolução burguesa de Estado, pensam a história: “como fizemos a revolução”, “como faremos a revolução”, sempre eles, os dirigentes, que fazem a história. Porém, dirigentes precisam de dirigidos e por isso precisam repetir o eterno engodo da “crise final do capitalismo”. Se não há seres passivos para serem

dirigidos, é preciso agitá-los com palavras de ordem, medo, para que procurem o seu dirigente, tal como as ovelhas seguem o seu pastor.

Desenvolver a percepção otimista militante, aquilo que Ernst Bloch teve o grande mérito de teorizar como a consciência antecipadora, aquela que vê à frente do nariz e além do horizonte, é uma necessidade. A velha toupeira faz um trabalho inaudível para os surdos e invisível para os cegos. Uns se preocupam apenas com quantidade. Na luta tem quantos trabalhadores com consciência revolucionária? Cerca de dez a cada 10 mil? Então é uma classe ainda dominada pela burguesia! Ledo engano! Isto é devido ao caso de que há dez anos atrás havia um para cada 10 mil. Matematicamente isso quer dizer que aumentou, proporcionalmente, muito, mas em relação ao total, os 10 mil, muito pouco. Deixemos a matemática para os matemáticos, que nada sabem de revolução. A questão é que houve um aumento e isso não ocorre casualmente, existe um processo que engendra isso. Aí é que entra a consciência revolucionária, atenta não apenas ao mundo aparente e aos ventos lentos do dia e sim ao processo subterrâneo e vulcânico que gera uma explosão e varre a terra como uma tempestade de fogo ao invés de ar e água. Os ventos mudam seu humor de acordo com determinados processos físicos, tal como a população. Não enxergar isso é comum para os ideólogos e apologistas da ordem, mas não para os revolucionários.

Isso não quer dizer que aqueles que possuem consciência revolucionária devem pensar que a revolução será, literalmente, amanhã, a não ser que haja indícios para tal. Que qualquer coisa significa “crise final do capitalismo” ou “início da revolução”. O correto é buscar estar atento aos indícios revolucionários. O que são estes indícios? São sinais, processos, acontecimentos, que ocorrem e reforçam a tendência do processo revolucionário, armando um período de lutas mais radicais e que prometem uma nova onda de revoltas e revoluções. A percepção desses indícios depende dos acontecimentos e, também, da capacidade perceptiva de entender as suas tendências. É aí que entra o papel do teórico revolucionário no sentido de desvendar as possibilidades futuras.

Existem hoje “indícios revolucionários”? Observando a história recente do capitalismo, é possível perceber que as lutas sociais, os processos conscientes e as contradições de classes e outras estão mais profundas. Sem dúvida, em alguns lugares a

luta se radicaliza e é mais intensa. Nos últimos anos, desde 1990, há a emergência de lutas mais amplas e radicais que em épocas anteriores e da calmaria de parte dos anos 1970 e 1980. Depois das lutas do final de 1960, em países como França (o maio de 1968 com as lutas estudantis e operárias), Alemanha, Itália, até o início da década de 1970 (Portugal e Itália) há um processo de refluxo do movimento revolucionário. As lutas mais radicais, tal como na Polônia no início da década de 1980, foram quantitativamente poucas. Somente a partir do aumento geral da exploração dos anos 1990 é que eclodiram novas lutas radicais, principalmente em seu final e início da década seguinte. México, Argentina, Bélgica, França, Grécia e muitas outras. Novos conflitos emergem e a repressão é a resposta em grande parte das vezes. Isto é um indício revolucionário. As lutas no México não acabaram. Os avanços na consciência e organização, por mais limitados que tenham sido, colocaram uma nova emergência de luta num patamar mais elevado e com mais velocidade. O mesmo ocorre em outros casos. As revoluções, já dizia Marx, avançam, recuam, superam a si mesmas.

As lutas realizadas, mais radicais em alguns lugares, mais explosivas em outros, marcam um avanço e é um indício de que há uma tendência de radicalização reforçada também por outro indício: o problema da acumulação capitalista, as crises financeiras, o neoliberalismo, o aumento da exploração, da fome e da miséria. E nada mostra que o capitalismo encontrou uma solução definitiva para isso e outro indício derivado é o caráter cada vez mais repressivo do Estado capitalista, e sua face repressiva, por sua vez, aumenta a revolta social. As instituições burguesas cada vez mais entram em crise de legitimidade, tal como o Estado, os partidos, os sindicatos, entre outras. Outro indício.

Juntamente com isso tudo, uma radicalização também no nível das ideias. Basta ver que um pensador como Paul Mattick ou Anton Pannekoek, ilustres desconhecidos da cultura acadêmica burguesa e dos movimentos sociais reformistas e das organizações burocráticas que dizem representar os trabalhadores, começaram a ser resgatados, sob formas diferentes, muitas vezes mal interpretados e adaptados, pois isso tudo faz parte da luta intelectual de recuperação burguesa e recuperação proletária. O anarquismo, que havia ficado na penumbra por muito tempo, começa a se reerguer a

partir deste período, com ambiguidades, problemas, mas ajudando a criar um campo revolucionário antiestatista, antiparlamentar, que reforça a crise de legitimidade das instituições burguesas. Este é outro indício revolucionário.

Em algumas regiões do mundo, a luta intelectual avança mais que em outras, em alguns lugares ganha em quantidade, em outros em qualidade. Não é isso o mais importante. O importante é ver esse processo de gestação de uma cultura revolucionária que tende, nos seus embates e ambiguidades, criar conflitos intelectuais que vão intervir na realidade e prática cotidiana de militantes e população, e com as demais tendências tende a se radicalizar, proporcionando a superação do ecletismo reinante e assim tornando-se uma força mais decisivamente revolucionária.

Todo esse processo não é algo mecânico, evolutivo e com um rumo certo. É uma tendência, e entre as várias tendências, somente os esotéricos acreditam em algo além das ações humanas históricas e sociais, concretas. O marxismo é uma teoria das tendências sociais, como já colocava Bloch. Não há espaço para determinismo, reprodutivismo, imobilismo, numa concepção marxista. A luta é cotidiana, mas existem várias lutas, reforçando as diversas tendências existentes. Abandonando o esoterismo espontaneísta e abandonando o burocratismo vanguardista, é preciso reforçar a tendência que queremos concretizar, que constitui nosso projeto revolucionário. Se desde a “associação dos produtores” (Marx), o “sistema dos conselhos operários” (Pannekoek), as “uniões Operárias” (Ruhle), a autogestão social (Maio de 1968), o que queremos é a sociedade comunista, então essa é a tendência pela qual devemos batalhar.

As nossas armas são a luta intelectual contra as ideologias (da direita e da suposta esquerda em seus diferentes matizes) e as ideias dominantes em geral, por um lado, e ações e intervenções em movimentos sociais, instituições burguesas, meios de comunicação, lutas populares. Contudo, não basta apenas lutar, é preciso saber lutar. A unidade teoria-prática é fundamental para que os resultados de nossa ação não sejam trágicos, ou seja, para que não sejam diferentes daquilo que projetamos.

A luta intelectual deve ser no sentido de proporcionar avanços teóricos, no sentido mais profundo, e culturais. No primeiro plano, o que vale é uma compreensão teórica da sociedade contemporânea, da dinâmica capitalista e suas contradições, das

experiências revolucionárias e suas fraquezas, das ideologias e suas falácias, na elaboração de reflexões sobre ações revolucionárias e sobre a sociedade do futuro e os meios para se chegar a esta através da sociedade presente.

As ações e intervenções devem ser refletidas e reavaliadas a cada momento, proporcionando maior eficácia, menos prejuízos, maior colaboração com a luta proletária. Esta luta é também intelectual, realizando um processo constante de crítica, autocrítica, anticrítica, onde não deve ser a vaidade intelectual pessoal o motor da polêmica e sim o objetivo final, a revolução proletária. Neste sentido, as ações e intervenções práticas devem estar articuladas com a luta intelectual. A luta intelectual e a intervenção social deve se reforçar reciprocamente, uma deve lançar luzes sobre a outra, criando a unidade teoria-prática.

No aspecto intelectual, é preciso superar os ecletismos e as influências das ideologias burguesas nos setores potencialmente revolucionários da sociedade, ou seja, junto aos trabalhadores, juventude, grupos oprimidos. A autonomia metodológica do marxismo, tema já desenvolvido por Korsch e outros, é uma necessidade. Ao lado disso, o desenvolvimento da teoria revolucionária é outro passo importante, no qual os devaneios individuais devem ser evitados e criticados, pois muitas mentes insatisfeitas e potencialmente revolucionárias, por despreparo e por infantilidade ao desacreditar a importância da teoria e das produções revolucionárias anteriores, querem reinventar a roda do pensamento revolucionário desconsiderado toda uma rica história de reflexões e lutas condensadas em teorias, fazendo isso de forma incipiente e misturando o pensamento revolucionário com ideologias burguesas, as da moda, principalmente. Esse é o caso nefasto de pensadores e ideólogos que são influentes atualmente nos movimentos sociais e são apenas repetidores de ideologias burguesas pretensamente críticas e a lista é longa: Foucault, Negri, Lazzarato, Castoriadis, Kurz, Deleuze, Guattari, Mészáros, Holloway, Wood, Chesnais, Zizek e uma centena de ideólogos ecléticos, conservadores, reformistas ou bolchevistas. Figuras intelectuais cinzentas, sem graça e sem força que se fortalecem como os vampiros, sugando o sangue e se fortalecendo ao mesmo tempo em que enfraquecem suas vítimas, os crédulos e novos crentes, adeptos não de uma coerência e firmeza revolucionárias, mas dos modismos e

fraqueza intelectuais, já que pouco disponíveis a pesquisas mais profundas para saber que os “novos ídolos” são apenas versões modernizadas de velhas ideologias conservadoras, por mais “revolucionários” que possam parecer.

Assim, estes falsos ídolos não são necessários para reforçar o pensamento revolucionário. Desde Marx, passando por uma diversidade de teóricos revolucionários, é visível uma forte produção intelectual que formam uma base suficiente e autônoma de pensamento sem ter que recorrer aos ídolos de papel. Claro também é que é fundamental não cair no erro oposto do dogmatismo que endeusam os pensadores do passado sem ter em mente o presente. As obras de Marx, Pannekoek, Korsch, Bloch e outros que estão sendo resgatados são fundamentais e devem ser retomados, mas também atualizados, aprofundados, desenvolvidos e não somente repetidos como se fossem a verdade revelada. As interpretações e avaliações do pensamento revolucionário devem sempre ser contextualizadas. A contextualização é um ponto necessário, pois ideias válidas numa época podem não ser em outra, ou elementos não visíveis numa época podem ter se clarificado em outra e não dá para se apegar ao que foi dito num contexto histórico e torná-lo de validade universal, a não ser em casos em que isso seja verdadeiro.

A obra de Korsch, por exemplo, é uma das mais ricas contribuições ao pensamento revolucionário. Porém, descontextualizando e validando tudo o que ele disse, chegamos apenas ao dogmatismo e retirada do caráter revolucionário que sua obra pode oferecer. O exemplo que ele deu no livro *Marxismo e Filosofia* é fundamental nesse sentido. Em tal livro, a obra de Lênin foi colocada, inicialmente, como sendo revolucionária e somente na *Anticrítica*, escrita e anexada posteriormente, é que foi colocada como sendo não-revolucionária. Lênin era revolucionário e deixou de sê-lo? Claro que não, era Korsch que não percebia que ele não era revolucionário e depois passou a perceber. Assim, os escritos de Korsch sobre Lênin devem ser separados entre a época de sua consciência limitada do leninismo e sua consciência ampliada do período posterior. O marxismo antidogmático apontado por Korsch pode virar dogmatismo nas mãos daqueles que não contextualizam e avaliam criticamente o pensamento em questão.

Outro exemplo é a posição de Pannekoek sobre os partidos. Em certa época, ele foi do partido social-democrata e deixou de sê-lo e passou a fazer a crítica dos partidos. Utilizar textos dele de épocas anteriores como se fossem equivalentes aos posteriores é criar uma grande confusão e muitos fazem interpretação sem olhar a data da publicação. Além disso, o capitalismo e as lutas sociais mudaram e não há como não considerar isso na análise da realidade, na posição diante dos pensadores revolucionários, nas propostas de ação da atualidade.

O novo movimento revolucionário mundial ainda está em formação. Por isso, os erros do ecletismo e do dogmatismo são comuns e tendem a ser superados. Em alguns casos, já o foram, em outros tende a ser, na maioria, ainda está longe. E isso tem fontes também intelectuais: alguns, para fugir do ecletismo, caem no dogmatismo; outros, para fugirem do dogmatismo, caem no ecletismo. Como superar estes dois riscos? Na verdade, somente uma nova grande síntese revolucionária poderia fornecer as bases para tal superação. A consciência dos perigos para o movimento revolucionário do ecletismo e do dogmatismo já é um avanço nesse sentido. Uma nova atualização da teoria revolucionária com uma percepção mais ampla da dinâmica e desenvolvimento capitalista, das lutas sociais atuais, dos processos totalizantes da sociedade contemporânea, ainda está por surgir, ou talvez esteja germinando em escrivatinhas em qualquer lugar do globo terrestre nesse momento. Esse pequeno ensaio é uma contribuição modesta nesse sentido e não pretende ser a necessária teoria revolucionária do momento atual, embora possa ser uma das muitas contribuições que proporcionaram tal reconstituição do pensamento revolucionário. Milhares de outros pensadores estão avançando, com dificuldades e percalços, com o desenvolvimento das lutas e assim a nova teoria revolucionária, expressão do novo movimento revolucionário, também, seja no sentido de ser produzida ou, se já o foi (esboços pelo menos já), divulgada e reconhecida. Faz parte da luta e é elemento fundamental dela.

Assim, podemos dizer que há a tendência de emergência de um novo movimento revolucionário mundial e junto com ele uma nova teoria revolucionária expressão de tal movimento, que realiza a atualização, aprofundamento e renovação das

teorias já existentes, um elemento fundamental da luta intelectual pela autogestão revolucionária. Os indícios se concretizarão na realidade.